

TARRYN FISHER

# STALKER

QUANDO A INVEJA SE TORNA UMA OBSESSÃO

ELA NÃO QUER SER IGUAL A VOCÊ. ELA QUER A SUA VIDA.

TARRYN FISHER

# STALKER

*Tradução:*

Elenice Barbosa de Araujo

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2017 BY TARRYN FISHER**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA E JULIA DANTAS**

Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **NINA MASIC | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Fisher, Tarryn

Stalker : quando a inveja se torna uma obsessão /  
Tarryn Fisher ; tradução de Elenice Barbosa de Araujo.  
— São Paulo : Faro Editorial, 2018.

256 p.

ISBN 978-85-9581-047-1

Título original: Bad mommy

1. Ficção norte-americana 2. Mulheres casadas – Ficção  
3. Terror – Ficção 4. Literatura psicológica I. Título II. Araujo,  
Elenice Barbosa de

18-1636

CDD-813.6

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2018

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

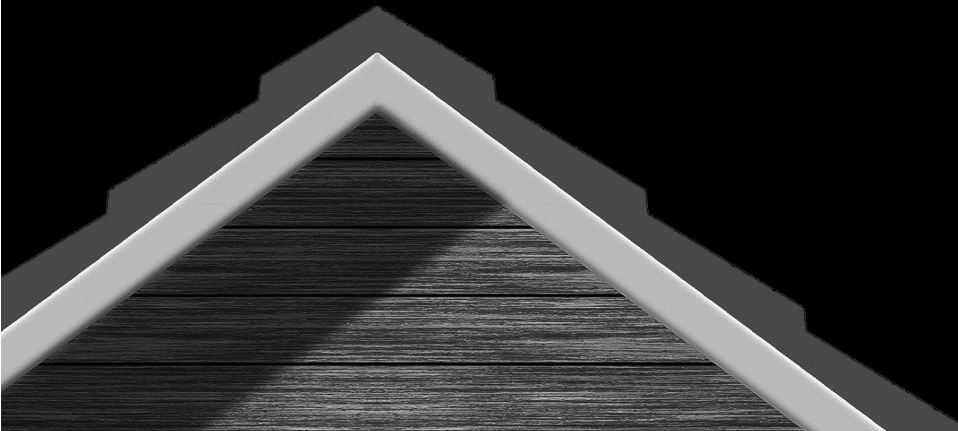
Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

PARTE UM

# A PSICOPATA



# MÃE DESNATURADA

*Ver você conseguir as coisas sem merecer, e ainda por cima se esbaldar com elas, é um horror. Isso me revolta. Quem deveria tê-las sou eu, pois mereço muito mais que você. Na verdade, eu poderia ser uma versão sua melhorada. Sou todas as mulheres; tenho todas dentro de mim.*

**O CABELO DELA ERA LOIRO. QUANDO O VENTO SOPROU, ELE** ficou todo esvoaçante, criando uma aura dourada que emoldurou o rosto da garotinha, feito cabelo de milho. O meu cabelo na certa era assim também, quando eu era pequena. Não tenho como saber, pois a minha mãe vivia trabalhando, sempre ocupada demais pra tirar fotos de mim. Meu Deus, pra que ter filhos se não tem tempo de fotografá-los, não é mesmo? Cada dia, um problema diferente. Bem, a verdade é que a minha mãe é uma filha da puta.

Peguei o celular e fotografei a menininha correndo, a cabeleira esvoaçando. O tipo de foto que a gente manda ampliar e emoldurar. Meus olhos se encheram do mais puro encantamento.

Assim que a vi, acordei de um longo sono, os ossos estalando, o coração batendo forte, revigorado. Fechei os olhos e agradei ao universo por tamanha bênção. Então, tornei a erguer o celular e tirei outra foto dela, porque eu não serei uma droga de mãe.

Era ela. Eu tinha certeza. Tudo o que eu queria, meu maior desejo. Fiquei paralisada olhando a menina ir até um carro com uma morena alta. Seria a mãe? Ou quem sabe a babá...

Não havia semelhanças entre as duas, exceto pelo castanho dos olhos. Mas então ouvi a garotinha chamá-la de mamãe e estremei... murchei... morri. *Ela não é quem você pensa que é, gatinha.*

Eu as segui desde o parque até em casa no meu Ford Escape branco, tinnindo, recém-lavado — discreto feito uma espinha inflamada na testa. Temi chamar a atenção e com isso fazer com que a mãe notasse que estava sendo seguida. Eu faço suposições demais, sabe? Minha mente é feito um computador com milhares de janelas abertas ao mesmo tempo. Tenho uma inteligência superior, é por isso. Gente muito inteligente pensa o tempo todo, a cabeça está sempre tomada por pensamentos brilhantes.

Procurei me acalmar ativando a minha aba da razão — muitas mães não notam as coisas, não as coisas certas. Elas vivem muito ocupadas, concentradas demais nos filhos: se o rosto deles está limpo; se não estão colocando germes demais na boca; se conseguem dizer o alfabeto. Pode-se afirmar que elas vivem acomodadas na bolha da vida moderna. No passado, as mães tinham medo de tudo: disenteria, gripe, catapora, pólio. Agora, tudo com que se preocupam é conferir na embalagem de suco se o teor de frutose do xarope de milho não é excessivo para seus filhos. Ora, era só o que faltava, não? Todo o mundo se exalta por coisas sem importância. Acorde, você está sendo seguida até em casa por uma estranha num utilitário branco impecável, insuspeito; acorde, você está criando uma narcisista; acorde, você vai notar que em vinte anos sua filha a odiará porque você não soube impor os devidos limites.

Elas pararam para abastecer; assim, dei a volta no quarteirão e fiquei esperando num estacionamento vizinho, pronta pra dar a partida a qualquer momento. Um mendigo bateu no meu vidro, enquanto eu vigiava o carro delas. Como estava de bom humor e queria que ele fosse embora, dei-lhe um dólar. Era possível enxergar a mãe de onde eu me encontrava. Ela colocou a mangueira de gasolina de volta na bomba, o cabelo encobrindo o rosto, e foi até o lado do motorista. Liberei a alavanca do câmbio, e partimos juntas.

Eu queria checar o cabelo do pai, contando que existisse um, é claro. Hoje em dia vale tudo em matéria de ter filhos: junte dois homens ou duas mulheres e dê-lhes uma criança. Está tudo mudado. Não que eu seja homofóbica ou coisa parecida, mas acho injusto darem filhos para os gays e pra mim não.

O carro delas estacionou na entrada de uma casa e eu parei em frente, sob a sombra de uma cerejeira carregada de botões graúdos cor-de-rosa. Era a estação do ano em que o mundo se enfeitava e ficava cheio de vida, o anúncio de uma porção de novidades, depois de um inverno rigoroso. Exceto eu. Fiquei olhando os botões florescendo, ciente de estar num vazio sem vida, mas não de fato por minha culpa. Humanos eram sanguessugas, desertores. Eu me sentia sozinha e isolada, porque não havia ninguém como eu. As pessoas diziam “Procure a sua tribo”. Mas qual era a minha tribo e onde ela estaria? Seriam as garotas de cidade pequena que tinham crescido comigo? Não. As mulheres do escritório onde consegui meu primeiro emprego? Deus me livre. Desde bem cedo me conformei que viveria sozinha. Brincava com amigos que só eu enxergava e, já adulta, a maioria dos meus relacionamentos era virtual.

Observei a mãe soltar o cinto da menina, que dormia, tirá-la da cadeirinha do carro e pegá-la de lado no colo. Senti uma ponta de ciúme e, quando a cabecinha dela pendeu pra fora do ombro, tive vontade de sair correndo e... E o quê? Ajeitá-la? Pegar a criança?

— Droga... — resmunguei, atrás do volante, ao ver a cena.

Mãe desnaturada. Tem gente que não nasceu pra ter filhos.

Elas viviam num casarão vitoriano cinza, de alvenaria, a menos de dois quilômetros da minha modesta casinha. *Que coincidência!* Pensei nas datas e refiz as contas de cabeça. Dois anos, dois meses, seis dias. Será que essa criança poderia ser ela? No fundo eu sentia que sim, mas havia sempre aquela dúvida recorrente. Consultei uma médium logo depois que todas aquelas coisas horríveis aconteceram. Ela me disse que um dia eu toparia com a alma da minha filha e que eu saberia que era ela. Eu imaginara isso tantas vezes, ao ver uma adolescente, uma adulta; cheguei até a crer que poderia ser a enfermeira cuidando de mim na velhice, no meu leito de morte no hospital.

Apanhei um pacote de biscoitos na bolsa e passei a comer compulsivamente.

Estava quase cochilando quando um sedã dourado estacionou na entrada da casa pontualmente às 18h15. Ninguém suspeita de sedãs dourados, pois só gente sem graça dirige um. Gente que, pra começar, não tem lá muita personalidade pra escolher um carro, digamos... vermelho ou branco. Eles são os neutros da sociedade. Os apagados.

Larguei o saco de bolachas no banco ao lado, sentei direito e limpei os farelos do queixo. Um homem desceu do veículo. Escurecia, então espremi os olhos tentando enxergar a cor do cabelo dele. Estava escuro demais pra distinguir. Mais um exemplo de como o horário de verão consegue arruinar vidas.

Cogitei descer do automóvel. Eu poderia fingir estar fazendo uma caminhada ou, quem sabe, parar na frente da garagem dele e pedir alguma informação. Que nada, não podia arriscar ser vista. Ele segurava uma valise, que balançava pra lá e pra cá à medida que andava. Ele estava assobiando? Tudo denotava alegria, os ombros, os lábios, o jeito de andar. Nada no comportamento dele era real. Tive vontade de ir até lá e avisá-lo de que um dia arrancariam tudo aquilo dele. A vida é assim.

Quando o homem chegou à varanda, uma luz se acendeu, aí eu me inclinei pra frente. O cabelo dele era castanho! Ele provavelmente já tinha costeletas grisalhas. Mas de onde eu me encontrava só dava pra ver a cabeleira castanha sob a luz amarela da varanda.

Eu me recostei, sem respirar, acertara. Cobri os olhos com as pontas dos dedos e desatei a chorar. As lágrimas de tristeza rolaram pelo meu rosto e molharam meu suéter. Eu chorava pela minha perda, pelo que eu não tive chance de experimentar.

Deslizei os dedos pra secar as lágrimas. Vi a porta se abrir e a mulher enlaçá-lo pelo pescoço. Eles eram o retrato de uma família perfeita e a felicidade caíra do céu na bela casa deles. Eu podia jurar que ela não fazia jus a essa felicidade.

Mãe desnaturada.



## EM PONTO

**— NÃO SE PODE DIZER QUE EU ESTEJA PROPRIAMENTE OBCECADA POR ELES.**

— Não?

— Não. — Ora, por que minha voz soou desse jeito? Toquei o pescoço e pigarreei antes de falar. — Hãhã... Claro que estou interessada neles. Sinto que temos uma ligação. Mas não sou nenhuma maluca. — Por que eu vivia insistindo em afirmar para os outros que eu não era louca? Talvez porque eles parecessem normais demais, sem graça demais?

— Fig... — Minha terapeuta sentou-se na ponta da cadeira, a luz rebatendo na armação vermelha dos seus óculos.

Desviei o olhar para os sapatos dela, vermelhos também. Ela parecia uma bonequinha com tudo combinando. Pelo visto, alguém não estava nem aí pra personalidade. Dei uma batidinha no meu relógio de ouro *rosé* e contornei com o dedo meus brincos de argola prateados. Quem sabe ela notasse, aquilo poderia lhe servir de inspiração. A vida se resume a isso. Fazer com que os outros desejem ser você.

— Você seguiu a mãe e a filha desde o parque até em casa, certo?

Ela estava distorcendo minhas palavras, tentando me fazer soar como louca. Fazer terapia oferece esse risco.

— Eu seguia em direção ao meu bairro — expliquei —, passando pelo parque. Elas moram bem perto.

Achei que a resposta a convenceria, mas ela me olhou como se lesse a minha alma.

— E você não as seguiu até em casa e não passou horas estacionada na rua esperando pra conferir a cor do cabelo do pai dela?

— Sim, fiquei lá parada — admiti —, já te contei essa parte. Eu estava curiosa.

Ela se recostou na cadeira e fez uma anotação no bloquinho. Estiquei o pescoço, mas minha terapeuta era mestra em manter a discrição. Talvez ela fosse uma psicopata. Escrever coisas que eu não consigo ler é um joguinho de poder, não?

— E com que frequência você tem feito isso, desde a primeira vez?

De repente, senti uma sede absurda, minha língua grudava no céu da boca. Olhei ao redor à procura de água. Vinha uma brisa morna da saída de ar no teto. Tirei meu suéter novinho e umedeci os lábios.

— Algumas vezes — respondi casualmente. — Você tem água aqui?

Ela apontou para um frigobar no canto da sala. Eu me levantei e fui até lá. Havia um estoque de garrafinhas, fileiras e fileiras delas. Peguei uma do fundo, a mais gelada de todas, e tornei a me sentar. Ocupei-me de abrir o lacre e beber a água toda, sem pressa, ganhando tempo. A qualquer instante ela avisaria que nossa sessão terminara e eu só teria de enfrentar sua próxima pergunta na semana seguinte. Porém, ela não encerrava a consulta e eu comecei a suar.

— Por que você se sente ligada a essa mãe e a essa filha em particular?

Com essa ela me pegou desprevenida. Fiquei pensativa, deslizando a unha do dedão no pulso, de leve, pra relaxar.

— Nem imagino. Nem pensei nisso. Talvez seja porque a garotinha tem a idade que a minha filha teria.

Ela assentiu com a cabeça, toda compreensiva, e eu me aninhei nas almofadas.

— E talvez porque a mulher...

— Você quer dizer a mãe dela.

Eu lhe lancei um olhar de reprovação.

— A *mulher* — enfatizei bem — não parece uma mãe normal. Ela é uma antítese de mãe.

— E isso te chateia ou te atrai?

— Nem imagino — repeti. — Talvez as duas coisas.

— Fale-me sobre a mãe. — Ela se acomodou na cadeira e eu comecei a puxar a cutícula.

— Ela usa coisas que chamam a atenção das outras mães, sabe? Tipo calça de couro, camiseta do Nirvana com blazer, um montão de pulseiras juntas como eu nunca vi. Uma vez ela estava de chapéu de feltro preto e camiseta cinza transparente; a única coisa entre o resto do mundo e os mamilos dela era uma mecha de cabelo.

— E como as outras mães no parquinho reagem a ela? Você já reparou?

Claro que reparara, foi justamente o que me fez notá-la. Vi como elas a olhavam e fiquei interessada.

— Ela não faz questão de conversar com as outras mães. Está claro que não gostam dela por isso. Ela as esnobou antes que elas tivessem chance de esnobá-la. Acho brilhante, aliás. Elas são como uma matilha e a veem com um misto de curiosidade e pura contrariedade.

— Você admira isso nela?

Refleti um pouco.

— Sim, gosto do fato de ela não se importar. Sempre quis aprender a não dar a mínima.

— É bom não se perder de vista, Fig. Saber como você funciona.

— Então, por que acha que eu as sigo? — perguntei num momento de abertura.

— Nosso tempo acabou. Vejo você na próxima semana. — Ela sorriu.

Já era tarde da noite quando fui de carro até a casa da Mãe Desnaturada e estacionei a um quarteirão de distância. Pensei em não ir, mas eu não iria me deixar abater por uma mera psiquiatra.

Fazia frio. Peguei meu blusão no banco traseiro e o vesti tomando o cuidado de colocar o cabelo todo pra dentro do capuz. Não que eu temesse ser flagrada nem nada, mas o meu tom de loiro chama muita atenção. Essa parte da cidade era habitada em sua maioria por famílias jovens, que iam pra cama pontualmente às 21h30, mas todo o cuidado era pouco. Resolvi que meu álibi seria fazer *jogging* tarde da noite. Algo bem inocente. Caso alguém espiasse pela janela, veria uma mulher de agasalho tentando cuidar do corpo.

Abaixei-me pra verificar o cadarço do meu tênis novinho. Eu o comprei pela internet especialmente pra isso. Vi a Mãe Desnaturada usando um igual no parquinho: era branco brilhante com detalhes de oncinha. Na hora eu quis um igual. Imaginei que nos cruzaríamos no mercado, ou no posto de gasolina, lado a lado mexendo na bomba, e ela comentaria: “Olha, tenho um tênis

igualzinho! Não é incrível?”. Aprendi essa técnica com a minha mãe, que costumava fazer isso com os homens, depois que meu pai a deixou. Ela dizia: “Você faz de conta que gosta do que eles gostam, pra ter algo em comum. Pode ser até que você passe a gostar de fato; daí, o sucesso é completo.”

Eu estava a uns poucos metros agora.

Dei uma olhada rápida ao redor da ruazinha com suas caixas de correio pintadas à mão e floreiras exuberantes. Nem uma viva alma à vista. A maioria das janelas das casas mostrava luzes apagadas. Fiquei correndo parada no lugar por alguns segundos e então abri a portinhola da caixa. Dentro, três correspondências e, sobre elas, uma caixinha marrom. Peguei tudo e enfiei nos bolsos amplos do agasalho, atenta, espiando ao redor. O tênis apertava meus dedos e tudo o que eu mais queria era me aninhar no meu sofá com a correspondência da Mãe Desnaturada e uma xícara de chá. Talvez eu até comesse um biscoito amanteigado com o chá, daqueles escoceses que vêm numa lata xadrez com um terrier preto estampado.

A primeira coisa que fiz ao entrar em casa foi me despir, calça é coisa de perdedores. E, afinal, ela me apertava a cintura, acentuando o meu pneuzinho no cóis — uma sensação nada agradável. Levei a correspondência da Mãe Desnaturada até a mesa de jantar e deixei lá, sem olhar. *Paciência*, disse a mim mesma. As coisas importantes requerem paciência. Preparei um chá e acrescentei o leite delicadamente, no ponto exato. Peguei a lata de biscoitos amanteigados e a xícara de chá e fui até a mesa de madeira — uma relíquia que eu restaurara e pintara sozinha —, e me acomodei em uma das cadeiras amarelas. Arrumei todos os envelopes com a frente pra baixo e o pacote por último. *Respire fundo, isso...* Desvirei a primeira. Ela se chamava Jolene Avery.

— Jolene Avery — pronunciei em voz alta. E pra não me deixar afetar pelo nome bonito, completei: — Mãe Desnaturada.

Abri o envelope com a unha e puxei a folha branca solitária de seu interior. Uma fatura médica... que sem graça. Passei os olhos pela sucessão de palavras. Ela havia feito um exame de sangue duas semanas antes. Prestei atenção aos termos médicos buscando detalhes, mas aquilo era tudo. Laboratório. Mas por qual motivo? Uma gravidez? Um exame de rotina? Eu estava bem familiarizada com problemas de saúde. No último ano, fui hospitalizada duas vezes com a pressão nas alturas e tive de fazer uma porção de testes quando detectaram algumas manchas no meu

cérebro. Culpei o George e todo o mal que ele me causou. Eu era perfeitamente saudável até descobrir o canalha que ele era.

Coloquei o recibo de lado e desvirei o envelope seguinte. Estava endereçado ao marido dela, Darius Avery. Era uma cotação de seguro, propaganda. Darius e Jolene Avery. Mordi um biscoito. A terceira carta era um convite de aniversário. Balões vermelhos e laranja espalhados pelo cartão todo. “Você está convidado!”, vinha escrito em letras grandes.

## *Festa de 3 anos da Giana!*

Onde: Queen Anne Park

Pavilhão 7

14h em ponto

RSVP Celular da Tiana

Fiquei pensando: que tipo de mulher escreve “em ponto” no convite de aniversário da filha? Só pode ser alguém com TOC. O tipo de pessoa que espia pela janela à noite pra verificar se os vizinhos não colocaram o latão de lixo muito perto do gramado dela. Gente pequena, patética. Afinal, quem não sabe que pais de filhos pequenos costumam se atrasar? É uma forma de desmoralizá-los, lembrá-los de suas falhas por meio de um convite de aniversário.

Coloquei o convitinho da Giana de lado e puxei o pacotinho pra perto. O que poderia estar numa caixa tão pequena? O cabeçalho era quase ilegível. Letras espremidas, rabiscadas, em tinta azul. Estava endereçada a Jolene Wyatt — devia ser o nome de solteira dela.

Cortei a fita adesiva com uma tesoura, cantarolando sozinha. Abri a caixa e a inclinei, deixando o conteúdo deslizar. Uma caixinha de veludo azul caiu na palma da minha mão — uma típica embalagem de joias. Havia uma nota fiscal dobrada por cima; deixei-a de lado e tirei a tampa. Logo de saída fiquei decepcionada. Era uma conta de lápis-lazúli presa a um cordão de linha vermelho. Tirei da embalagem e segurei contra a luz. Nada de mais — ou, como diria a minha mãe, nada que valesse a pena escrever pra contar.

Talvez a Mãe Desnaturada fosse uma dessas pessoas prendadas que fazem pulseiras e tal. Era de uma joalheria do site do Etsy. Memorizei bem pra pesquisar sobre ela mais tarde. Ter uma filha não bastava pra ela, a Jolene precisava de atividades extras pra tornar a reviver seu lado vadia que pula de bar em bar, fazedora de colares.

Coloquei a conta de volta na caixa e guardei tudo em uma gaveta, pois, pelo visto, vinha uma crise de enxaqueca por aí. Eu não iria mais pensar naquilo, na ingratidão das pessoas. Aquilo estava me fazendo mal. Ela não merecia aquela filhinha.

Eu me acomodei no sofá e coloquei uma toalhinha gelada sobre os olhos. Caí no sono ali mesmo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA KUNST EM SETEMBRO DE 2018